

Mercado espera mais uma superterça

LUIZ SÉRGIO GUIMARÃES

Uma nova superterça se avizinha, inquietando o mercado financeiro. Com a mesma tensão com que ficou amarrado na semana passada à disputa entre presidencialistas e parlamentaristas na Constituinte, tendo como pano de fundo a grave ameaça de um golpe militar, na que se inicia amanhã o seu nervosismo se deslocará para os gabinetes ministeriais, onde está em gestação o pacote econômico. Ele virá à luz na terça-feira, dia em que também ocorre o primeiro leilão de conversão de dívida na Bolsa do Rio.

E este clima de definição deverá continuar beneficiando as bolsas de valores, que novamente levaram o troféu de melhor ativo da semana.

O mercado acionário atravessa uma fase de ouro: de todos os lados surgem notícias alimentadoras da febre de compra que assola os pregões. Até a desconcertante facilidade com que o presidencialismo saiu vitorioso no embate da superterça já havia sido prevista. E a comemoração da vitória se estendeu com entusiasmo pelos pregões seguintes, com exceção do de quinta-feira, destinado à realização de lucros. Nos cinco pregões da semana, a arrancada no índice Bovespa foi vertiginosa: seu salto foi de nada menos que 6.898 pontos, acumulando um saldo positivo de estonteantes 21,4%. Apenas do início do mês para cá, a alta é retumbante: 81%, para uma inflação que não deverá distanciar-se do nível de 16%.

MEDIDAS DURAS

E a esticada não deverá parar por aí. Esta semana será decisiva: reunião do Conselho Monetário Nacional (CMN) amanhã para discutir o pacote, apelidado pomposamente pelo ministro do Planejamento, João Batista de Abreu, de Programa Completo de Ajustamento a Curto Prazo, contendo medidas de caráter fiscal, salarial e financeiro destinadas a conter o déficit público, e na terça-feira, na Bolsa de Valores do Rio de Janeiro (BVRJ) ocorrerá o primeiro leilão de conversão de títulos da dívida externa em capital de risco.

Há um velho ditado freqüentemente lembrado pelos corretores mais experientes garantindo que a bolsa sobe no boato e cai no fato. Ou seja: por conta dos leilões de conversão e das prometidas "medidas duras" é que as bolsas teriam subido tanto desde o início do ano.

Como as duas coisas irão acontecer esta semana, as bolsas deveriam cair se o ditado permanecesse válido. Desta vez, entretanto, ele deverá ser contradito.

A ampla vitória do presidencialismo com cinco anos — defendido acerbamente pelo mercado — permitirá a adoção de um elenco forte de medidas que, sem congelamento e atacando o déficit público, debelará o risco da hiperinflação. E as instituições estão aguardando ansiosamente este elenco. E a expectativa em torno dos leilões é de que serão coroados de êxito. Pelos dois ângulos, portanto, o momento é ainda de alta das bolsas.

"SQUEZZE"

Isto não significa, porém, que o investidor neófito deva sair correndo atrás de qualquer papel. O contexto está particularmente conturbado na Bovespa, com investidores peso-pesados se digladiando no mercado de opções. Podem sobrar respingos desagradáveis dessa troca de luvas. Há, inclusive, o risco de ocorrer o que o mercado chama de um *squeeze*: o mercado se esprieme, se aperta e se encolhe de tal forma que os vendidos a descoberto não conseguem comprar opções para fugir da incômoda situação de alta das Bolsas.

O resultado poderá ser uma superalimentação artificial do processo de alta, já que não parece crível que o ultra-investidor Naji Nahas, que detém a maioria das posições compradoras em séries da Petrobrás, resolva, bondosamente, abdicar de uma fatia dos seus lucros e, invertendo sua posição, vender opções. O mercado teme que esta sinuca leve a direção da Bovespa a promover novas intervenções, obrigando o fechamento compulsório de posições, como aconteceu na quinta-feira.

Por isso toda cautela é pouca. Apesar do contexto ser de alta, alguns previdentes analistas até consideram a remota hipótese de o leilão de conversão da nova superterça vir a ser um fiasco. Se isso ocorrer, obviamente a Bolsa desabará com estrondo.

NA ROTA AO IPC

A semana que começa amanhã, a última do mês, também meterá com os nervos dos investidores que, temendo o confronto político e uma crise militar, refugiam-se no remanso seguro do *overnight*. O fato de terem-se colocado ao abrigo das tempestades, não deverá, pelo me-

nos este mês, representar uma punição sob a forma de achatamento da rentabilidade. Ao que tudo indica, a remuneração do *over* em março será idêntica ao IPC.

Pelo menos é o que se pode inferir do comportamento do Banco Central na quinta e na sexta-feira. Ao primeiro sintoma de que a inflação não se conformaria ao confortável parâmetro de 15,7%, o BC não vacilou em promover um ajuste equivalente na taxa da LBC/LFT. O mercado financeiro trabalha maciçamente com uma expectativa inflacionária no degrau dos 16%. E o *over* não está longe disso: se nos quatro *overs* que restam para o fechamento do mês a taxa for mantida nos 20,58% de sexta-feira, o ganho líquido do investidor terá sido de 15,97%.

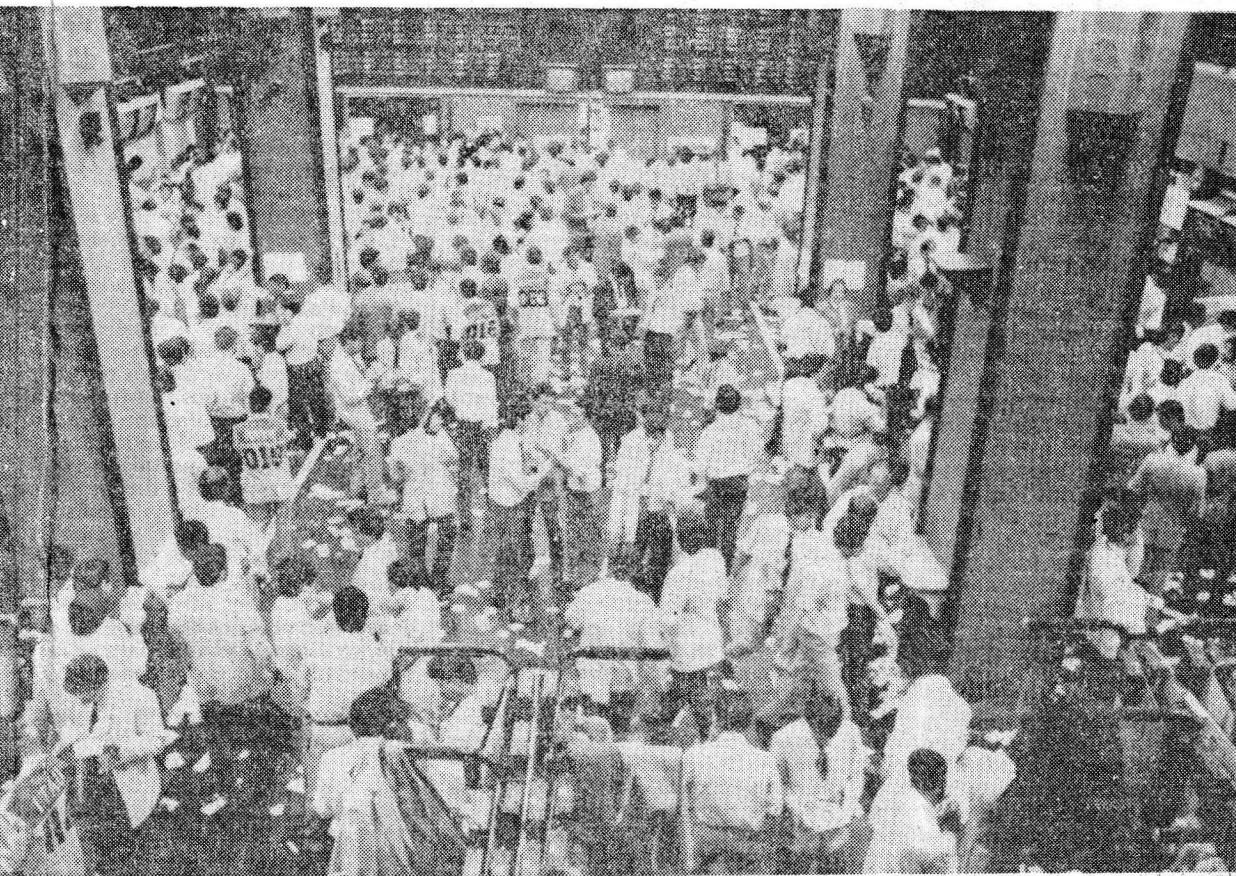
Mas para abril, o diretor da Dívida Pública do Banco Central, Juarez Soares, já avisou que as coisas serão diferentes: os leilões de OTN, alongando o perfil da dívida, darão margem a um desatrelamento do *over* da taxa de inflação. As LBC/LFT se destinariam a cumprir um papel clássico de política monetária: de regulagem da liquidez.

CONTRABANDO

O mercado paralelo do dólar e o ouro — dois ativos conversíveis universalmente muito sensíveis até aos mais tênues contornos políticos — se assanharam com as informações sobre a armação de uma manobra militar destinada a bloquear o parlamentarismo já, se fosse aprovado. O *black* subiu 3,4% na semana, e já acumula no mês uma alta de 21%. A expansão do ouro foi de 5%.

Além das sombras no quadro político, outro fator, agora de natureza técnica, interferiu no comportamento do *black*: está faltando dólar na praça. Os doleiros ainda estão acuados, temendo a repetição de novas incursões da Polícia Federal, que resultaram na prisão de um *blequista* na semana retrasada. Além disso, a colheita da safra de soja está atrasada, retardando o contrabando para o Paraguai. Os dólares são poucos, favorecendo a alta.

Em sentido contrário, atuando como depressor dos preços do *black*, o Banco Central não se descuida: quando o ágio sobre a cotação oficial ameaça desgarrar, como aconteceu na sexta-feira, ele aciona, através dos seus dealers, o mecanismo de compra no mercado de ouro. Por isso, o dólar, que fechou a Cz\$ 149,00 na sexta-feira, deverá continuar subindo, mas não muito.



José Bassit - 24/3/88